



VIETNÃ

UMA TRAGÉDIA ÉPICA 1945 - 1975

MAX HASTINGS



VIETNÃ

MAX HASTINGS

VIETNÃ

UMA TRAGÉDIA ÉPICA 1945-1975

TRADUTOR: BERILO VARGAS



Copyright © Max Hastings, 2018
Copyright da tradução © 2021, by Editora Intrínseca

TÍTULO ORIGINAL
Vietnam: An Epic Tragedy, 1945-75

PREPARAÇÃO
Diogo Henriques
Isabella Pacheco

REVISÃO
João Sette Câmara
Fábio G. Martins

REVISÃO TÉCNICA
Lenilton Araújo

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA
Milan Bozic

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

IMAGEM DE CAPA
© AP Photo/Art Greenspon

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H285v

Hastings, Max, 1945-

Vietnã : uma tragédia épica 1945-1975 / Max Hastings ; tradução
Berilo Vargas. -1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
848 p. ; 23 cm.

Tradução de: Vietnam : an epic tragedy 1945-75
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-65-5560-581-5

1. Vietnã, Guerra do, 1961-1975. 2. Vietnã, Guerra do, 1961-1975 -
Estados Unidos. 3. Vietnã - História - 1945-1975. 4. Vietnã - História
- Militares - Séc. XX. 5. Vietnã - Política e governo, 1945-1975. 6.
Estados Unidos - Política e governo, 1945-1989. 7. Estados Unidos -
História - Militares - Séc. XX. I. Vargas, Berilo. II. Título.

21-73897

CDD: 959.7043
CDU: 94(597)"1961/1975

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para meu querido amigo Rick Atkinson, que narra os triunfos e tragédias dos exércitos norte-americanos com uma elegância, uma perspicácia e uma empatia que seus colegas historiadores lutam para igualar.

A bela e muitas feras

1 AGARRADO A UM IMPÉRIO

Começemos esta longa história, trágica até mesmo entre as infinitas tragédias de guerras, não com um francês ou com um norte-americano, mas com um vietnamita. Doan Phuong Hai nasceu em 1944 numa aldeia da Rota 6, a apenas trinta quilômetros de Hanói, mas totalmente rural. Uma de suas mais antigas lembranças tinha a ver com arame, arame farpado, os fios enferrujados que cercavam o posto do Exército francês numa colina perto do mercado, e a maneira como zuniam quando o vento passava por eles.¹ Atrás do arame e debaixo da trêmula bandeira tricolor da França vivia um corneteiro vietnamita chamado Vien, que o pequeno Hai adorava. Vien lhe dava latas de manteiga e tampas de garrafa de metal, com as quais ele construiu um adorado carrinho de brinquedo. Hai costumava se sentar no meio de um pequeno grupo de crianças embevecidas para ouvir as histórias que Vien contava sobre suas muitas batalhas, espiando a cicatriz de um ferimento na perna que ele recebera na Montanha de Calcário, onde dera o toque de avançar para um ataque no qual soldados da Legião Estrangeira alegavam ter matado uma centena de comunistas. Os meninos passavam a mão nas divisas do sargento e colecionavam cápsulas vazias que ele de vez em quando lhes dava.

Às vezes Vien cantava com uma voz grave e triste, talvez sobre a mãe, que tinha morrido no ano anterior. Então, como um mimo especial, levava seus pequenos seguidores até a beira do rio e executava uma série de toques de corneta do Exército, “alguns cujas notas faziam o coração estremecer, outros tão tristes que davam vontade de chorar”.² Até que um dia, em 1951, a família de Hai se mudou para Hanói, levando tudo o que tinha num velho ônibus do distrito. Vien comandava um piquete à beira da estrada, e lhe deu, como presente de despedida, dois pedaços de goma de mascar e um suave puxão de orelha. Quando o ônibus se afastava, o menino o viu acenar através da nuvem de poeira vermelha, enquanto casas, arrozais, moitas de bambu e árvores de *da*, nos limites da aldeia, desapareciam para sempre de sua vida. Hai embarcou numa série

de viagens, exílios, algumas poucas alegrias e muitos infortúnios, parte da experiência compartilhada pelo povo vietnamita durante meio século. Embora tenha se tornado soldado, nunca mais os combatentes tiveram a seus olhos a aura romântica que o sargento Vien e sua corneta lhes dava.

O Vietnã aguentou mil anos de domínio da China, antes da expulsão dos chineses em 938; eles voltaram várias vezes, e só foram definitivamente escorraçados em 1426. Depois disso, o país desfrutou de independência, mas de forma alguma de estabilidade ou bom governo. Dinastias rivais controlaram o norte e o sul até 1802, quando o imperador Gia Long impôs a união, governada a partir da cidade de Hue. Durante a disputa para formar impérios no fim do século XIX, a França fixou sua atenção na Indochina, e pela força das armas estabeleceu uma dominação gradual, inicialmente no sul, na Cochinchina. Em maio de 1883, quando a Assembleia Nacional em Paris votava para destinar 5 milhões de francos a uma expedição para consolidar a região como “protetorado”, o político conservador Jules Delafosse proclamou: “Senhores, vamos chamar as coisas pelo nome. Não é protetorado o que os senhores querem, mas possessão”.³ Assim era, de fato. Os franceses despacharam vinte mil soldados para garantir Tonkin — o Vietnã do Norte. Ao alcançar esse objetivo, depois de um ano de acirrados combates, impuseram um governo implacável. Apesar de abolirem o velho costume de condenar mulheres adúlteras a serem pisoteadas por elefantes, a pena de decapitação, antes aplicada apenas contra ladrões, foi estendida a todos os que desafiassem a hegemonia francesa. O consumo de ópio disparou depois que o poder colonial abriu uma refinaria em Saigon.

O Vietnã compreende uma área de cerca de 330 mil quilômetros quadrados, um pouco maior do que a Itália ou do que a França metropolitana, e seu território, embora na maior parte montanhoso e coberto de vegetação exótica, abriga também planícies de extraordinária umidade e fertilidade sazonais. Quase todo visitante que escapava do castigo de trabalhar sob o calor inclemente ficava impressionado com sua beleza e redigia descrições líricas do país, celebrando a paisagem “de campos de arroz nos quais búfalos pastavam, quase todos com uma garça empoleirada nas costas, catando insetos; de uma vegetação tão reluzente que feria os olhos; de esperas por balsas à beira de largos rios da cor de café com leite; de vistosos pagodes e casas de madeira sobre palafitas, cercadas de cães e patos; da atmosfera fumegante, do cheiro pungente de água em

toda parte, dando uma sensação de fecundidade, de natureza desovando, amadurecendo, no cio”⁴

Os ocidentais ficavam encantados com a sublime habilidade dos vietnamitas na tecelagem, que se manifestava em telhados, cestos e chapéus de palha. Eles observavam com curiosidade as exóticas criaturas mortas vendidas em barracas de rua, a profusão de cartomantes, de jogadores de dados, de temperos. As borboletas da mata eram do tamanho de morcegos. Havia uma gloriosa cultura da água: sampanas subiam rios e canais, onde carroças não podiam chegar com seus rangidos; pescar era uma diversão, além de uma prolífica fonte de alimento. Visitantes descreviam brigas de galo e antros de jogatina, além de cerimônias resplandcentes no palácio imperial em Hue, onde os franceses regalavam um imperador fantoche que oferecia banquetes coroados por pavão assado, que, segundo consta, tinha gosto de vitela dura. A região costeira em torno da antiga capital era vista com considerável desconfiança pelos moradores do delta do Mekong, que diziam: “As montanhas não são altas, nem os rios, profundos, mas os homens são falsos, e as mulheres, obcecadas por sexo”. Um ocidental que amava os vietnamitas escreveu que eles falavam em cadências que “soam para mim como patos graciosos: sua língua monossilábica parece uma série de doces grasnidos”⁵

Entre cinquenta grupos étnicos, as tribos mais primitivas dividiam as regiões mais selvagens de Annam com tigres, panteras, elefantes, ursos, javalis e uns poucos rinocerontes asiáticos. Dois grandes deltas, o do rio Vermelho no norte e o do Mekong no sul, produziam prodigiosos resultados agrícolas. Um crescimento do comércio de exportação de arroz provocou a apropriação de terras pelos franceses, à custa das populações nativas, comparável à dos norte-americanos no Oeste e à dos colonizadores britânicos em grandes extensões da África. Os povos da Indochina pagavam impostos para financiar a própria submissão, e, por volta dos anos 1930, 70% dos camponeses estavam reduzidos à condição de arrendatários ou pequenos proprietários. Os agricultores franceses — umas poucas centenas de famílias que acumularam grandes fortunas coloniais na Indochina — adotaram no século XX uma atitude intransigente em relação aos vietnamitas, que, segundo um visitante britânico, era “idêntica à das velhas aristocracias escravocratas. É de absoluto desprezo; sem ela, provavelmente, a exploração eficiente seria impossível”⁶

Os plantocratas, magnatas da borracha e proprietários de minas de carvão franceses eram condescendentes com a crueldade institucionalizada

da administração colonial, que também impunha uma taxa de câmbio artificialmente alta contra a piastra — o que enriquecia ainda mais o erário parisiense. Os invasores conseguiram inculcar em muitos vietnamitas sua língua, sua educação e sua cultura. Um estudante lembrava-se de ter aprendido na escola que seus antepassados eram gauleses. Só compreendeu direito quando o pai, que servia como sargento no Exército francês, lhe disse, com severidade e orgulho: “Seus ancestrais eram vietnamitas”.⁷ Um cirurgião australiano escreveu sobre a consciência, mesmo entre pessoas relativamente humildes, “de sua longa e ininterrupta história e de sua antiga civilização”.⁸

A situação dos vietnamitas era um pouco melhor do que a dos congolese sob domínio belga; um pouco pior do que a dos indianos sob domínio britânico. Havia uma contradição na vida dos vietnamitas de classe média e alta. Compulsoriamente mergulhados numa cultura e numa língua europeias, eles, apesar disso, raramente tinham contato com franceses fora das horas de trabalho. Nguyen Duong, nascido em 1943, cresceu apaixonado por Tintim e pelas histórias francesas de espionagem. Apesar disso, como todos os asiáticos, para quem um golpe físico é o pior dos insultos, em sua escola ele tinha horror dos tapas que os professores franceses costumavam aplicar nos alunos mais relapsos. Além disso, nunca soube que os pais tivessem recebido uma família *colon*, ou saído para jantar fora com essas pessoas.⁹

Norman Lewis descreveu Saigon como “uma cidade francesa num país quente. Faz tanto sentido chamá-la de Paris do Extremo Oriente quanto chamar Kingston, na Jamaica, de Oxford das Antilhas. Sua inspiração é puramente comercial, e, portanto, desafeita a extravagâncias, fervor ou muita ostentação [...]. Vinte mil europeus evitam contato com os demais tanto quanto possível, numas poucas ruas ensombradas por tamarindeiros”.¹⁰

A vida colonial parecia, para a maioria de seus beneficiários, infinitamente confortável e agradável — durante um tempo. Os que se demoravam demais, porém, arriscavam-se a contrair uma doença pior do que a malária ou a disenteria: a apatia do Oriente, composta pelo ópio e pelo acesso a um número excessivo de empregados. Velhos trabalhadores franceses — *les anciens d’Indo* — falavam de *le mal jaune*. O fato de serem dominadores não os poupava do desprezo da nata dos moradores locais. Era uma tradição vietnamita escurecer os dentes com esmalte, e por isso eles viam com desdém os dentes brancos: um imperador certa vez perguntou, ao receber um embaixador europeu: “Quem é esse homem com

dentes de cachorro?”¹¹ Norman Lewis escreveu: “São civilizados demais para cuspir no chão quando veem um homem branco, mas são totalmente indiferentes [...]. Mesmo o condutor de riquixá, quando lhe dão — por garantia — o dobro do que normalmente cobra, pega o dinheiro em sombrio silêncio e imediatamente vira o rosto. É muito incômodo sentir-se objeto de ódio universal, um mero canalha estrangeiro”.¹²

Poucos vietnamitas viam o domínio francês com serenidade, e revoltas locais eram comuns. Em 1927, a aldeia de Vinh Kim, no delta do Mekong, produziu um notável grupo de artistas adolescentes intitulado Trupe das Mulheres Unidas, que apresentava shows e peças anticolonialistas. Os anos 1930 testemunharam manifestações rurais, incêndios de colheitas, insurreições. Um implacável aperto financeiro levou alguns camponeses à cadeia pelo não pagamento de impostos; outros foram tão atormentados por agiotas que, em 1943, quase metade das terras do Vietnã estava nas mãos de menos de 3% de seus agricultores. A autoridade colonial achava que a repressão era o melhor remédio. Um oficial da *sûreté* zombou de um revolucionário preso: “Como pode um gafanhoto chutar um automóvel?”¹³

Grupos de guerrilheiros e salteadores persistiam nas muitas áreas desabitadas do país — “*les grands vides*”. Na terrível prisão da ilha de Poulo Condore, as celas raramente ficavam vazias. Havia pouca pretensão de devido processo legal para os vietnamitas mandados para lá, e o lugar ficou conhecido como “a universidade revolucionária”. Muitos dos que mais tarde desempenharam papéis importantes na luta pela independência cumpriram penas ali. Na verdade, o homem que acabaria por liderá-los, um dos revolucionários mais famosos do século XX, foi um dos poucos a escapar a esse destino.

Ho Chi Minh nasceu Nguyen Sinh Cung numa aldeia vietnamita do centro do país, em 1890. O pai se elevava da condição de filho de concubina para o status de mandarim, mas abandonou a corte para se tornar professor itinerante. Ho, como Vo Nguyen Giap, Pham Van Dong e Ngo Dinh Diem posteriormente, frequentou a influente escola de Ensino Médio Quoc Hoc, em Hue, fundada em 1896, de onde foi expulso em 1908 por conta de atividades revolucionárias. Rompeu vínculos familiares e, depois de um breve período lecionando numa escola de aldeia, em 1911 se tornou operador de fornalha e cozinha a bordo de um cargueiro francês. Durante três anos correu o mundo; depois, passou um ano nos Estados Unidos, que o fascinavam, antes de arranjar um emprego como assistente de confeitiro no Carlton Hotel em Londres. Tornou-se cada vez mais ati-

vo politicamente e conheceu nacionalistas de vários matizes — irlandeses, chineses, indianos. Falava inglês e francês fluentemente, além de vários dialetos chineses e, mais tarde, russo.

Em 1919, Ho redigiu um apelo que foi entregue ao presidente norte-americano Woodrow Wilson na conferência de paz em Versalhes, pedindo seu apoio para a independência vietnamita: “Todos os povos subjugados estão cheios de esperança ante a perspectiva de que uma era de direito e de justiça esteja se abrindo para eles — na luta da civilização contra a barbárie”. Em 1920, participou de um congresso socialista francês, no qual fez um discurso que ficaria famoso: “É impossível para mim, em apenas alguns minutos, repassar todas as atrocidades cometidas na Indochina pelos bandidos do capitalismo. Há mais prisões do que escolas [...]. Liberdade de imprensa e de opinião não existem para nós [...]. Não temos o direito de emigrar ou de viajar para o exterior [...]. Fazem o possível para nos intoxicar com ópio e nos brutalizar com álcool. [...] massacram milhares [...] para defender interesses que não são [vietnamitas]”.¹⁴ Ho tornou-se um prolífico panfletário e colaborador de revistas de esquerda, e com frequência citava Lenin.

Em 1924, foi a Moscou, onde se encontrou com os novos líderes da Rússia e passou alguns meses na chamada Universidade dos Trabalhadores do Oriente antes de se mudar para Guangzhou, onde trabalhou como intérprete dos conselheiros soviéticos de Chiang Kai-shek. Três anos mais tarde, depois que Chiang se voltou contra os comunistas, Ho fugiu de volta para a Europa. Um conhecido francês descreveu uma conversa que teve com ele numa ponte do Sena, durante a qual o vietnamita afirmou, em tom meditativo: “Sempre achei que poderia ser um erudito ou um escritor, mas me tornei um revolucionário profissional. Viajo por muitos países, mas não vejo nada. Cumpro ordens rigorosas, meu itinerário é cuidadosamente prescrito, e não se pode sair da rota, não é?”.¹⁵

“Ordens” de quem? Muitos mistérios cercam a vida de Ho. Ele jamais se casou, e suas necessidades emocionais ao que parece foram preenchidas pela dedicação à luta política. Quem financiava suas viagens internacionais? Seria ele um funcionário remunerado de Moscou, ou simplesmente recebia ajuda financeira específica de camaradas políticos? Não é de surpreender que se tornasse comunista, porque os capitalistas do mundo eram implacavelmente hostis aos seus objetivos. Ele era menos notável por seus próprios escritos e por seu pensamento, que não tinham originalidade, do que pela extraordinária capacidade de inspirar fé, lealdade e até amor. Um

estudante vietnamita escreveu a respeito de seu primeiro encontro com Ho anos depois em Paris: “Ele emanava um ar de fragilidade, uma palidez doentia. Mas isso apenas realçava a dignidade imperturbável que o envolvia como uma roupa. Ele transmitia uma sensação de força interior e de generosidade de espírito que me atingiram com a força de um golpe”.¹⁶

Em 1928, Ho apareceu em Bangcoc, um ponto de encontro para nacionalistas indochineses exilados. No ano seguinte, mudou-se para Hong Kong, onde presidiu uma reunião de líderes de facções vietnamitas rivais, realizada num estádio de futebol durante uma partida para não chamar a atenção da polícia. Convenceu os compatriotas a se unirem sob a bandeira do Partido Comunista Indochinês, que em 1931 foi formalmente reconhecido pelo Comintern de Moscou. Nos anos seguintes, houve uma série de revoltas no Vietnã. Os franceses responderam bombardeando aldeias suspeitas de insurgência e guilhotinando os líderes que conseguiam identificar. Embora não estivesse diretamente envolvido nas revoltas, Ho era agora um homem procurado, perseguido nas colônias das potências europeias. Depois de uma série de aventuras, fugiu para a China, convencendo um empregado de hospital em Hong Kong a declará-lo morto. Depois disso, pôs-se a viajar entre China e Rússia, sofrendo privações crônicas e doenças recorrentes. Um agente comunista que o conheceu durante sua odisseia descreveu Ho como “tenso e trêmulo, com um só pensamento na cabeça: seu país”.

No começo de 1941, depois de uma ausência de três décadas, ele voltou em segredo para o Vietnã, viajando a pé e de sampana, e adotando o pseudônimo pelo qual ficaria conhecido na história — Ho Chi Minh, ou “Aquele que traz a luz”. Instalou-se numa caverna nas montanhas do norte, onde conheceu jovens que adotaram o cinquentão “Tio Ho”, entre eles, futuros heróis da revolução, como Pham Van Dong e Vo Nguyen Giap. De início, Giap apresentou Ho ao seu pequeno grupo guerrilheiro dizendo: “Camaradas, este velho aqui é um natural da área, um agricultor que adora a revolução”. Mas eles logo se deram conta de que não se tratava de um morador local, muito menos de um agricultor. Ho traçou mapas de Hanói para aqueles que nunca a tinham visto, e os aconselhou a cavar latrinas. Um veterano recordou: “Ficamos pensando. ‘Quem é este velho? Tanta coisa para nos dizer, e ele nos ensina a cagar!’”¹⁷ Apesar disso, Ho foi logo aceito como líder do grupo e, na verdade, do novo movimento, a que deram o nome de Liga para a Independência do Vietnã, ou simplesmente Vietminh. Os líderes não disfarçavam seu comprometimento ideológico, mas só bem mais tarde proclamaram o comunismo como único credo autorizado.

O domínio nazista da Europa ocidental corroeu drasticamente a auto-riedade da França em suas colônias, e intensificou o sofrimento dos camponeses. Na Indochina, os franceses confiscaram, para atender às próprias necessidades, artigos básicos, como palitos de fósforo, tecidos, querosene. No delta do Mekong, houve um breve levante em 1940 encabeçado pelos comunistas, durante o qual funcionários franceses foram mortos, e postos do Exército, capturados. Celeiros de arroz foram ocupados e seu conteúdo, distribuído, e pontes caíram sob o ataque de insurgentes, que portavam bandeiras com a foice e o martelo. O chamado levante de Nam Ky durou apenas dez dias, e só contou com a adesão de uma minoria de moradores, mas deixou clara a raiva latente no campo.

A partir do verão de 1940, Tóquio explorou sua dominação regional e despachou tropas para a Indochina, primeiro para bloquear a rota chinesa de suprimentos, e depois, progressivamente, para estabelecer uma ocupação que levou o presidente Franklin Roosevelt a impor um importantíssimo embargo de petróleo em julho de 1941. Embora os franceses continuassem com a autoridade formal, a partir de então o poder foi de fato exercido pelos japoneses. Eles precisavam desesperadamente de matérias-primas para abastecer suas indústrias, e insistiram com os vietnamitas para que reduzissem o cultivo de arroz e aumentassem o de algodão e juta. Isso, junto com a exportação compulsória de gêneros alimentícios, resultou numa crescente epidemia de fome entre os habitantes da área que mais produzia arroz no Sudeste Asiático.

Em 1944, um período de seca, seguido de inundações, desencadeou uma vasta tragédia humana. Na ocasião, pelo menos um milhão de vietnamitas, um em cada dez habitantes de Tonkin, morreram vitimados por uma escassez de alimentos tão catastrófica quanto a tragédia ocorrida na mesma época em Bengala Oriental, na Índia britânica. Havia relatos verossímeis de canibalismo, mas, apesar disso, não se soube de nenhum francês que tivesse morrido de fome. A escassez ficou registrada na memória de muitos norte-vietnamitas como a mais terrível experiência que viveram, incluindo as guerras que vieram depois. Uma das mais antigas lembranças de um camponês que morava numa aldeia perto de Hanói era a de sua mãe repreendendo os filhos por desperdiçarem comida: “Vocês não fariam isso se soubessem como foi 1945”.¹⁸

Outro camponês descreveu vilarejos desertos e pessoas desesperadas: “Corpos esqueléticos cobertos de trapos andando pelas estradas do interior e pelas ruas das cidades. Depois, os corpos começaram a aparecer à beira

das estradas e em quintais de pagode, adros, mercados, parques, e estações de ônibus e de trem. Grupos de homens e mulheres famintos, com bebês no colo, e outras crianças, invadiam todos os campos e jardins acessíveis à procura de qualquer coisa que se pudesse comer: bananas verdes, corações e bulbos de bananeira, brotos de bambu. O pessoal da minha aldeia tinha que defender sua terra à força”.¹⁹ Carros de boi transportavam cadáveres para serem sepultados em valas comuns. Um dia, a irmã de 3 anos do camponês autor do relato estava comendo um bolo de arroz na frente da casa quando um jovem esquelético “que mais parecia um fantasma coberto de trapos” avançou, tomou a comida da mão dela, e saiu correndo.

Em algumas áreas, cozinhas comunitárias foram criadas para distribuir mingau aos famintos, e longas filas se formavam. Van Ky, um adolescente de Tonkin que se tornou um famoso cantor de baladas no Vietminh, disse mais tarde: “Quando a gente abria a porta de manhã, podia dar com um cadáver estirado no chão. Se visse um grande bando de corvos, isso significava que havia um corpo ali perto”.²⁰ Não é de surpreender que esse tipo de experiência produzisse revolucionários, como o próprio Ky. Ele nasceu em 1928 numa família de camponeses, mas cresceu na casa inusitadamente letrada de um tio, com quem aprendeu as fábulas de La Fontaine e representou pequenas peças com base nelas. Leu livros como *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Aos 15 anos, distribuía panfletos para os comunistas. Depois, tornou-se chefe de uma milícia clandestina local, servindo até decidir que tinha talentos artísticos mais úteis para a Revolução do que seus talentos militares. Os propagandistas do comunismo utilizavam a música com grande eficácia, e recompunham canções folclóricas tradicionais para encaixar sua mensagem, transmitida por trupes itinerantes. Mais tarde, Ky compôs uma balada intitulada “Hy Vong” — “Esperança” —, que se tornaria uma das canções favoritas da Resistência. A experiência dele mostrava um aspecto notável da luta pela independência: o respeito pela cultura francesa não era um obstáculo à determinação de ver a França deixar o Vietnã.

2 A MARCHA DO VIETMINH

A última fase da Segunda Guerra Mundial teve consequências regionais importantíssimas. Em março de 1945, os japoneses deram um golpe, depondo o regime fantoche francês e assumindo controle total sobre o Vietnã. O colonialismo só se sustentava enquanto os povos subjugados supunham

que essa era a ordem inevitável, uma percepção que mudou para sempre no Sudeste Asiático. Os vietnamitas se horrorizavam com a brutalidade dos novos senhores, mas ficavam impressionados com o espetáculo de asiáticos como eles impondo autoridade: alguns chamavam os japoneses de *oai* — “assombrosos”.¹ Em julho, o OSS — o Escritório de Serviços Estratégicos, patrocinador norte-americano da guerra de guerrilha — despachou para a Indochina um grupo de agentes paramilitares comandados pelo major Archimedes Patti, que montou acampamento com Ho Chi Minh. Aqueles jovens duros, como tantos norte-americanos ou britânicos iguais a eles em países ocupados mundo afora, ficaram felizes de encontrar amigos num ambiente hostil: apaixonaram-se pelo romantismo da própria situação e pelos anfitriões. Um guerrilheiro de 22 anos disse a um agente do OSS, de maneira jocosa, que ele não deveria sair do acampamento em Tan Trao, “porque, se for apanhado pelos japoneses, eles vão comê-lo como se fosse um porco!”² Quando contou sobre o gracejo para Giap, o guerrilheiro foi repreendido: “Somos revolucionários, e esse pessoal é nosso aliado, por isso temos que falar com eles de um jeito culto e civilizado”.

O processo decisório de Washington sobre a Indochina era tateante e errático. Os chefes militares aliados estavam preocupados em consumir a derrota da Alemanha e do Japão. Da Iugoslávia à Birmânia, porém, e da Grécia ao Vietnã, nacionalistas locais concentravam suas ambições quase exclusivamente em assegurar o controle político após a retirada das forças do Eixo. Os súditos coloniais não viam mérito algum em se libertar da suzerania fascista para se curvar mais uma vez ao jugo de antigos senhores, fossem franceses, britânicos, ou holandeses. A equipe do OSS que estava com Ho ficou encantada com sua personalidade, e gostava de imaginar que as armas que lhe fornecia eram usadas para atormentar os japoneses. Na verdade, o Vietminh encenou alguns combates de fachada contra os ocupantes, mas seu maior empenho era desenvolver a organização e poupar armas para a luta contra os franceses. O chefe militar designado por Ho era Giap, um ex-professor e ávido estudante de história que não tinha qualquer espécie de treinamento militar quando, em 22 de dezembro de 1944, formou a chamada Unidade de Propaganda do Exército de Libertação Vietnamita, com apenas 34 pessoas, entre as quais três mulheres. Em 15 de maio de 1945, o grupo foi absorvido por um “Exército de Libertação Popular” em estado embrionário.

Histórias da moderna Hanói registram com satisfação a forma como grupos comunistas se aproveitaram de armas e treinamento ocidentais

para atingir objetivos próprios. Em 1943, em seguida à ocupação aliada da Madagascar francesa, a Executiva de Operações Especiais (SOE), uma organização secreta de guerra britânica, recrutou 7 prisioneiros vietnamitas que seus oficiais encontraram apodrecendo numa prisão de Vichy. Esses homens convenceram os libertadores de que estavam ansiosos para voltar para casa e lutar, sem dizer que consideravam os franceses inimigos fascistas. Um relato posterior do Vietminh afirmava: “Os sete homens da inteligência pareciam agentes aliados, mas suas simpatias eram ao comunismo”.³ Depois do treinamento costumeiro nas técnicas de espionagem, eles foram lançados de paraquedas no Vietnã, temendo a rejeição do Partido por terem aceitado servir com a SOE. Mas acabaram por ter recepção calorosa, e logo receberam ordem para pedir mais armas, rádios e suprimentos médicos a Calcutá.

A brusquidão com que a guerra terminou em agosto de 1945 deu a Ho a chance de tomar a iniciativa, para preencher uma lacuna de poder que ficou ainda mais escancarada no norte. Seus mensageiros convenceram Bao Dai, o jovem, caprichoso e indolente imperador fantoche, a escrever para o governo de Paris afirmando que a única maneira de salvaguardar a posição da França era mediante um “franco e aberto reconhecimento da independência do Vietnã”.⁴ O general Charles de Gaulle, que mandava interinamente em Paris, negou-se a responder à carta, mas teve que admitir com relutância que, antes de abdicar, em 25 de agosto, Bao Dai convidara Ho a formar um governo. O líder do Vietminh marchou com seus seguidores para Hanói, a capital de Tonkin, e, em 2 de setembro de 1945, proclamou, diante de uma vasta multidão em êxtase, na praça Ba Dinh, o estabelecimento do estado vietnamita: “Os franceses fugiram, os japoneses capitularam, o imperador Bao Dai abdicou, nosso povo rompeu os grilhões que nos amarraram por mais de um século”.⁵

A notícia foi transmitida para todo o país, e um estudante que morava ao sul de Hue recordaria posteriormente: “Nossos professores estavam muito felizes, disseram que devíamos sair para comemorar a independência. Segundo eles, quando fôssemos velhos [...] nos lembrariamos da data como um dia de festa”.⁶ Ho, em seu discurso, citou trechos da Declaração da Independência dos Estados Unidos, e conseguiu um golpe publicitário quando o grupo do OSS se deixou fotografar fazendo uma saudação durante a cerimônia de hasteamento da bandeira do Vietminh. Por coincidência, nesse momento, uma esquadrilha de caças P-38 da Força Aérea norte-americana passou rugindo no alto: com isso, aos

olhos de milhares de espectadores, os Estados Unidos davam sua bênção ao novo governo.

Na verdade, claro, um grupo de jovens idealistas do Departamento de Estado e agentes do OSS simplesmente exploraram a ausência de uma política de Washington para agir por conta própria. Patti, cuja considerável vaidade era habilmente explorada por Ho, descreveu o líder vietnamita como “uma boa alma”, e outro norte-americano afirmou: “Achávamos que ele era um nacionalista em primeiro lugar, e, em segundo, um comunista”. Muito tempo depois, o major admitiu: “Eu talvez tenha sido um tanto ingênuo a respeito da intenção e do objetivo [de Ho] ao usar as palavras [da Declaração de 1776] [...]. Mas eu estava convencido de que os vietnamitas tinham o direito legítimo de governar a si mesmos. Afinal, [a Segunda Guerra Mundial] era sobre o quê?”⁷

A liderança carismática é um elemento determinante na maior parte das lutas revolucionárias — basta pensar em Gandhi e Nehru na Índia, em Kenyatta no Quênia, em Fidel em Cuba. Ho Chi Minh estabeleceu uma legitimidade que se mostrou inexpugnável mesmo quando os defeitos e até as barbaridades do seu regime vieram à tona, porque em 1945 ele se apropriou sozinho do movimento de independência do Vietnã. Nguyen Cao Ky, que tinha então 16 anos, escreveria depois que naqueles tempos em Hanói “o único nome em meus lábios, bem como nos de quase todo mundo da minha geração, era Ho Chi Minh”⁸ Muitas casas começaram a ostentar seu retrato; nas palavras de outro jovem vietnamita: “Estávamos famintos por um herói para cultuar”⁹ Os franceses nunca tentaram criar uma classe política nativa que tivesse qualquer simpatia pelas aspirações do seu próprio povo: a existência de vietnamitas ricos e instruídos transcorria num mundo inteiramente alheio ao dos camponeses. Embora Ho e seus amigos soubessem que pouca gente endossaria um programa declaradamente comunista, ele foi capaz de unir uma grande parte do povo em apoio à expulsão dos franceses. Nos anos que se seguiram, alcançou uma estatura mística que nenhum compatriota rivalizava.

Durante os primeiros anos da luta pela independência, a propriedade da terra foi compulsoriamente transferida para os camponeses nas “zonas libertadas”. Ho e seus companheiros não revelaram que viam a redistribuição como uma simples etapa transitória, que culminaria na coletivização. Grupos políticos pintavam uma radiosa imagem da Rússia como um paraíso terrestre, que o Vietnã deveria querer imitar. O próprio Ho emanava uma aura de dignidade e sabedoria que impressionava aqueles

que o conheciam, e se revelou um brilhante articulador político. Por baixo de um verniz de bondade, ele possuía a qualidade indispensável a todos os revolucionários: uma absoluta indiferença pelos custos humanos relacionados aos rumos que julgasse apropriados a seu povo. Para qualquer movimento político, parece um bom teste indagar não se é capitalista, comunista ou fascista, mas se é fundamentalmente humano. Um comentário atribuído a Giap respondeu a essa pergunta no caso do Vietminh: “A cada minuto, centenas de milhares de pessoas morrem nesta terra. A vida ou a morte de cem, de mil, de dezenas de milhares de seres humanos, mesmo nossos compatriotas, tem pouco significado”.

A conduta de Ho Chi Minh refletia a mesma convicção, embora ele fosse um político astuto demais para expressá-la diante de ocidentais. Há muita discussão quanto ao fato de ele ter sido um “verdadeiro” comunista, ou apenas um nacionalista que a necessidade política levou a adotar o credo leninista. As provas parecem ser esmagadoramente favoráveis à primeira hipótese. Ho jamais foi o titoísta que alguns de seus defensores sugeriram: repetidas vezes condenou a separação da Iugoslávia do bloco soviético, em 1948. Além disso, ele expressava uma admiração inquebrantável por Stalin, apesar de o líder russo jamais tê-la retribuído, fosse confiando no líder do Vietminh ou lhe fornecendo ajuda substancial.

Parece pouco provável que a sujeição do Vietnã ao comunismo pudessem ter sido evitada se a França, em 1945, tivesse anunciado sua intenção de deixar o país e iniciado uma rápida transição para identificar líderes nativos dignos de confiança e prepará-los para governar, como os britânicos fizeram antes de deixar a Malásia. Mas os franceses preferiram redigir uma longa carta de suicídio, declarando sua rígida oposição à independência. A intransigência dos colonialistas deu a Ho Chi Minh a superioridade moral na luta que começou a ser travada.

De Gaulle é o principal responsável por esse erro crasso. Em março de 1945, ele rejeitou as recomendações de Pierre Messmer, seu oficial de ligação no Extremo Oriente, que defendia a necessidade de negociar com o Vietminh. Em vez disso, o arrogante general confiou a restauração da autoridade francesa ao almirante Thierry d'Argenlieu, um intratável colonialista que se tornou alto comissário em Saigon. Em algumas partes do mundo, notavelmente na África, a falta de movimentos nacionalistas dignos de confiança permitiu que os impérios europeus sustentassem seu poder e seus privilégios por mais uma geração. No Vietnã, porém, como em outras partes da Ásia, a hegemonia estrangeira tornou-se insustentável

quando líderes locais encontraram vozes que não poderiam ser silenciadas, e plateias para ouvi-las. Essa era a realidade que a França passou a década seguinte tentando negar.

Em 12 de setembro de 1945, menos de um mês depois de o Vietminh ter se apropriado da autoridade em Hanói, tropas britânicas e indianas desembarcaram em Saigon. Elas tiraram rancorosos colonialistas franceses da prisão e destituíram os aspirantes do Vietminh do poder em meio a escaramuças caóticas e sangrentas, nas quais alguns japoneses lutaram ao lado dos aliados. O comandante britânico, major-general Douglas Gracey, afirmou: “A questão do governo da Indochina é exclusivamente francesa”. Um de seus oficiais descreveu um primeiro encontro com o Vietminh: “Eles vieram me ver e disseram ‘seja bem-vindo’ e coisas do tipo. Foi uma situação desagradável, e botei-os imediatamente para fora. Eram obviamente comunistas”.¹⁰ Gracey costuma ser criticado por ter usado suas tropas para suprimir o pessoal de Ho. Mas ele era apenas um soldado relativamente subalterno, longe de um César ou sequer de um Mountbatten, com autoridade para fazer como alguns de seus pares no resto do mundo naqueles tempos: usar baionetas para restaurar a ordem vigente antes da guerra.

Seguindo instruções de Washington, 150 mil soldados chineses, os homens de Chiang Kai-shek, chegaram ao norte do Vietnã para assumir sua parte na ocupação aliada. Os vietnamitas os apelidaram *tau phu* — “chineses inchados” —, porque todos pareciam ter pés protuberantes, talvez por conta do beribéri. Os recém-chegados se comportavam mais como gafanhotos do que como combatentes, e despojavam os campos de tudo o que fosse comestível ou portátil. Eles pouco interferiram na vigorosa ampliação da autoridade de Ho, e obsequiosamente vendiam armas para o Vietminh. No começo de outubro de 1945, as primeiras tropas francesas apareceram em Saigon; porém, mais de um ano se passou — uma proteção inestimável, para os comunistas e fatal para os imperialistas — antes de retomarem o controle do norte.

Aos 16 anos, o estudante Pham Phu Bang era um eufórico revolucionário que via o Vietminh exclusivamente como um movimento de independência: “Eu não sabia nada sobre comunismo”. Quando os japoneses subjugaram o país, de início achou emocionante ver asiáticos como ele humilharem a autoridade colonial francesa — “como dois grandes búfalos digladiando com os chifres”.¹¹ Depois do colapso do Japão, Bang começou sua própria carreira de revolucionário, roubando armas de soldados chineses descuidados e redigindo cartazes e faixas que proclamavam “Viva

Ho Chi Minh”, “Viva o Vietnã Livre”. Um dia, pegou um trem que levava arroz para áreas do norte atingidas pela escassez de alimentos, e a composição ficou presa numa ponte destruída por bombardeios aliados. A escolta Vietminh recrutou moradores das aldeias para atravessar o rio transportando sacos, mas logo viu o trem cercado por uma multidão de famintos. O jovem Bang foi abordado por uma figura esquelética que recebera uma vasilha de arroz para si, mas pedia desesperadamente outra para o filho. “Discutimos entre nós quem era o culpado por aquelas coisas terríveis — os japoneses que governavam, os franceses que levavam todos os alimentos que desejavam, ou os norte-americanos que tinham bombardeado as ferrovias. Decidimos que eram os três. E nos perguntamos uns aos outros: por que será que nosso pequeno país tem tantos inimigos?”

Ao longo de 1945-46, o Vietminh assumiu o controle do movimento não comunista Juventude de Vanguarda e suprimiu outros grupos de oposição no norte. Muitos líderes rivais foram presos, e, no interior, alguns milhares de supostos “inimigos do povo” foram liquidados. O Vietminh apressou-se a anunciar a própria vitória na eleição nacional de 4 de janeiro de 1946, tão seguramente roubada quanto qualquer outra votação na Indochina nas décadas que se seguiram. Por uma breve temporada, enquanto a presença do Exército chinês e de representantes aliados era bastante visível no norte, uma aparência de liberdade de expressão foi tolerada. Mas, em meados de junho, a maioria dos soldados de Chiang Kai-shek já tinha ido embora, e os expurgos foram retomados.

O pessoal de Ho agiu com rapidez e eficácia para assegurar o controle das áreas rurais, especialmente as zonas mais remotas próximas à fronteira chinesa. No delta do Mekong, por outro lado, os franceses reafirmaram sua presença no começo de 1946, e as estruturas insurgentes tiveram que se desenvolver em segredo, ao lado da administração colonial. Entre os membros do Vietminh que retornaram da prisão estava Le Duan, que duas décadas depois governaria o país. Quando os franceses expulsaram o Vietminh das áreas urbanas, ele foi um dos que se estabeleceram na região do delta, onde os guerrilheiros começaram a lutar. E o poder colonial, a revidar.

A adoção pela França dessa trajetória fadada ao fracasso resultou, em grande parte, da humilhação que o país sofreu na Segunda Guerra Mundial. Um desastre parecido foi evitado na Índia, provavelmente apenas porque os britânicos, na eleição de 1945, tiveram a sabedoria de endossar um governo socialista, que tomou a decisão histórica de deixar o subcon-

tinente e a Birmânia. Já em Paris, no verão de 1945, Gaston Monnerville, um delegado negro da Guiana, afirmou: “sem o Império, hoje a França não seria mais do que um país libertado [...]. Graças ao seu Império, a França é um país vitorioso”.¹² Sucessivos governos no entra e sai da Quarta República se mostraram frágeis em tudo, menos na disposição de empregar a força nas possessões ultramarinas da França, com uma crueldade raramente igualada pelos soviéticos. Depois de uma revolta muçulmana na Argélia, em 1945, na qual morreram cem europeus, 25 mil pessoas, segundo estimativas, foram massacradas pelas tropas francesas. Após uma rebelião em março de 1947, em Madagascar, onde 37 mil *colons* mandavam em 4,2 milhões de súditos negros, o Exército matou noventa mil pessoas. Só mesmo no clima debilitante de um mundo que gastara todas as suas reservas de indignação moral, a produção dessas montanhas de cadáveres poderia ter passado quase sem comentário. Argélia e Madagascar fornecem um importante contexto para o comparável banho de sangue que inundou a Indochina.

Mais intrigante do que a impetuosidade e a desumanidade da França foi a decisão dos Estados Unidos de apoiar os franceses. Sem ajuda militar, a política colonial de Paris teria desmoronado da noite para o dia. Fredrik Logevall observa que não teria havido contradição alguma na decisão norte-americana de ajudar o renascimento interno da França se ela fosse acompanhada pela recusa a apoiar suas loucuras imperiais.¹³ Washington optou por fazer o contrário em parte porque, mesmo antes de a Guerra Fria tornar-se gélida, seus estrategistas políticos não aceitavam que os comunistas adquirissem novas recompensas territoriais. Embora os intelectuais liberais norte-americanos detestassem o colonialismo, numa era em que boa parte do seu país ainda era racialmente segregada, o espetáculo de homens brancos dominando arrogantemente “raças inferiores” não parecia tão odioso quanto um pouco mais tarde. No fim dos anos 1940, a política francesa era menos vinculada ao anticomunismo norte-americano do que viria a ser, mas os interesses do povo vietnamita — ou, a propósito, de seus irmãos malgaxes e argelinos, entre outros — estavam entre as mais baixas prioridades do presidente Harry Truman.

De início, alguns vietnamitas viram o retorno dos franceses como um recurso temporário aceitável, que lhes permitiria se livrar dos chineses que saqueavam o norte. Ho Chi Minh recebeu um agradecimento simbólico, sendo designado senhor de Tonkin, enquanto o governo formal de Bao Dai sobre o país foi reconhecido. Em julho de 1946, quando vi-

sitou Paris para conversar sobre o futuro constitucional, Ho foi recebido com honras de chefe de Estado. Isso, entretanto, era só fachada. Nas conversas em Fontainebleau que se seguiram, o governo de Paris deixou claro que ele só tinha sido convocado para receber instruções de seus superiores, não para negociar uma redistribuição de poder. “Unida aos territórios ultramarinos que a França trouxe para a civilização, ela é uma grande nação. Sem esses territórios, correria o risco de deixar de ser”, disse De Gaulle.

O chefe da delegação francesa afirmou com desdém ao representante do Vietminh: “Só precisamos de uma operação policial de oito dias para expulsar todos vocês”. Durante algumas semanas, Ho acalentou sua frustração. Truong Nhu Tang, quase três décadas depois um ministro revolucionário do sul, estava no grupo de estudantes vietnamitas que conheceram seu herói em Paris. Eles ficaram extasiados quando o aspirante a líder nacional os instruiu a chamarem-no de “Tio Ho” em vez de “Senhor Presidente”. Ho pediu sua opinião sobre o futuro do Vietnã e dedicou toda a tarde a conversar com eles: “É difícil pensar em outro líder mundial que, nas mesmas circunstâncias, fizesse o que ele fez”. Quando descobriu que o norte, o centro e o sul do país estavam representados naquele grupo de estudantes, Ho disse: “*Voilà!* A juventude da nossa grande família [...]. Lembrem-se de que, mesmo que os rios sequem e as montanhas desmoronem, a nação será sempre uma”.¹⁴ Esses comentários causaram profunda impressão nos jovens, porque lembravam “a linguagem de lemas e poesia que os líderes vietnamitas sempre usaram para mobilizar as pessoas [...]”. A partir daquela tarde, fui um fervoroso partidário de Ho Chi Minh. Tinha sido conquistado por sua simplicidade, seu charme, sua camaradagem. Seu [...] ardente patriotismo oferecia um exemplo a ser imitado na minha própria vida”.

Ho voltou para Tonkin sabendo que nenhum acordo pacífico seria possível. Os franceses agiam com inabalável falsidade: assim que novas tropas, aviões e navios se tornaram disponíveis, apertaram seu controle no sul; depois, estenderam as mãos para o norte. No verão de 1946, seu principal general, Philippe Leclerc, dirigia as operações militares: designou Ho inimigo da França e, insensatamente, declarou o conflito praticamente resolvido. Giap, antigo chefe de inteligência de Ho e na ocasião “ministro da Defesa” do Vietminh, era tratado com desprezo pelo general. Seu largo e contagioso sorriso dava a muitos ocidentais a ilusão de que se tratava de uma figura mais gentil e maleável do que seu líder. A rigor, a vaidade de Giap rivalizava

com sua crueldade: os insultos ocasionais do francês alimentaram seu desprezo pelos colonialistas.

Tardiamente, Leclerc mudou de ideia sobre a Indochina, convencendo-se de que ela não poderia ser preservada diante da hostilidade compartilhada por comunistas e não comunistas. Mas ele morreu num desastre aéreo na África pouco tempo depois, e Thierry d'Argenlieu passou a dominar as decisões políticas francesas. O alto comissário era uma figura de jesuítica inflexibilidade, que convenceu o governo de Paris de que o Vietminh poderia ser esmagado: "De agora em diante, para nós é impossível lidar com Ho Chi Minh [...]. Precisamos achar outras pessoas com quem possamos negociar". Os franceses flertaram com a ideia de promover o jovem ex-imperador Bao Dai. Mas, no Vietnã, como em muitos outros países oprimidos do mundo, a maré oscilava fortemente para a esquerda. Nenhum outro vietnamita chegava perto do fascínio exercido por Ho na imaginação popular.

Em novembro de 1946, depois do rompimento das negociações, os franceses lançaram um brutal bombardeio naval e aéreo contra supostos redutos do Vietminh no porto de Haiphong e arredores. Milhares de pessoas morreram, e só o bairro europeu da cidade escapou da devastação. Em 19 de dezembro, D'Argenlieu deu um ultimato, exigindo que o Vietminh se rendesse, e recebeu como resposta uma insurreição armada em Hanói que durou sessenta dias. Quando por fim foram expulsos, em meio à destruição generalizada, os franceses, equivocadamente, julgaram ter retomado o controle de Tonkin.

Mas observadores estrangeiros tinham suas dúvidas. Um correspondente do *Times* de Londres escreveu em dezembro: "Qualquer potência colonial que se coloque na posição de enfrentar o terrorismo com o terrorismo faria bem melhor se desistisse de tudo. Vamos ver agora o Exército francês reconquistar a maior parte da Indochina, onde, no entanto, será impossível para qualquer comerciante ou agricultor francês viver fora de um perímetro cercado com arame farpado".

Ho e Giap, preparando-se para uma longa campanha, precisavam de bases fora do alcance do espaço aéreo e da artilharia da França. Por isso, seu exército principal, com um contingente de cerca de trinta mil pessoas, saiu das cidades para se embrenhar no Viet Bac, a remota região noroeste.

Os líderes do Vietminh, que se tornaram moradores de cavernas e cabanas, nunca se iludiram de que poderiam alcançar a vitória militar absoluta. O que buscavam, portanto, era tornar o domínio francês proibitivamen-

te oneroso. Com esse objetivo, grupos clandestinos locais travavam uma guerra de guerrilha, enquanto forças regulares lançavam operações de fachada onde as condições pareciam favoráveis. Dependiam, basicamente, de armas capturadas, mas também começaram a fabricá-las, ajudados por três mil desertores japoneses. Com ilimitada criatividade, eles catavam estojos de cartucho franceses descartados para recarregar, e produziam minas a partir de granadas e bombas de morteiro capturadas. De início, exerciam controle explícito ou secreto sobre dez milhões de pessoas, que na grande maioria lhes pagavam impostos, e executavam trabalhos pesados ou prestavam serviço militar. Apesar de o Vietminh denunciar o tráfico de ópio como manifestação da exploração colonial, Ho aumentava a receita do movimento recorrendo aos mesmos meios.

As famílias eram polos quase sagrados da sociedade vietnamita, mas, naqueles tempos, muitas foram dilaceradas. O pai do menino Tran Hoi, na época com 10 anos, era um pequeno comerciante de Hanói que continuou a aceitar o domínio francês. Dizia ele: “Se tivéssemos que escolher entre a dominação colonial e o comunismo, eu ficaria com o colonialismo, porque significa acesso à civilização ocidental”.¹⁵ Houve uma briga feia na família quando o tio de Hoi, um médico, anunciou sua decisão de juntar-se a Ho Chi Minh. As divisões internas do clã, como as de muitos outros, continuaram como feridas abertas durante as décadas da luta que começava a ser travada.

Cristalizada como um dos conflitos armados mais emblemáticos da história moderna e uma consequência da polarização criada pela Guerra Fria, a Guerra do Vietnã resultou em 3 milhões de mortes estimadas. Dividido entre o norte — apoiado pela União Soviética — e o sul — de aliados anticomunistas, como Estados Unidos e Austrália —, o país teve sua unidade nacional em xeque durante três décadas. Mas, embora muitos pensem nessa guerra como um evento trágico para os norte-americanos, o jornalista e historiador Max Hastings o remonta como uma épica tragédia vietnamita, em que o lado vitorioso também saiu perdedor: cada baixa no exército ianque representava a morte de quarenta vietnamitas.

Dando voz a uma vasta gama de personagens reais, Hastings questiona se algum dos lados merecia mesmo ter saído vencedor. Fruto de anos de pesquisa, baseado em memórias e num imenso volume de documentos, *Vietnã* é um livro essencial ao descrever elementos que podem estar no centro de muitos conflitos atuais e futuros.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1123/>